

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15139 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03/GT 06/GT 14/GT 17/GT 18 - Movimentos Sociais, Filosofia, Sociologia, Educação Popular e EJA

RELATOS DE VIVÊNCIAS DE INCLUSÃO ESCOLAR

Eleny Sousa Marques - UFRR-PPGE - Universidade Federal de Roraima

João Paulino da Silva Neto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

RELATOS DE VIVÊNCIAS DE INCLUSÃO ESCOLAR RELATOS DE VIVÊNCIAS DE INCLUSÃO ESCOLAR

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a inclusão da diversidade, práticas pedagógicas e memórias de inclusão escolar de experiências vivenciadas nas escolas estaduais no município de Iracema Roraima. Este artigo está pautado em uma metodologia qualitativa e apoiada pelos instrumentos de pesquisas documental e bibliográfica, e narrativas de experiências vivenciadas em sala de aula. Os estudos dessa pesquisa mostram que a partir das ideias de Freire, Dussel, Vygotsky, Silva Neto, Capellini, Ricoeur e outros autores e pesquisadores citados a seguir, podemos pensar e agir na perspectiva de uma educação cada vez mais comprometida com o humanismo e a democracia, fazer uma educação mais inclusiva, com um olhar para o outro, e ver além das aparências. Tem como proposta desenvolver uma reflexão elencando várias situações sobre o tema diversidade cultural dentro do processo de inclusão escolar, tema que muitas vezes passa despercebido no âmbito educacional.

Palavras-chave: educação Inclusiva. Diversidade cultural. Memórias.

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema foi definida com base nas minhas vivências e práticas pedagógicas, as quais têm uma importância grandiosa para mim enquanto professora da Educação Básica, pois lido com um público repleto de diversidade cultural e, nesse contexto, a discussão sobre práticas pedagógicas e experiências da inclusão escolar.

Ricoeur (2006), chama de pequeno milagre do reconhecimento se discernirmos a solução do mais antigo enigma da problemática da memória, a saber, o da representação presente de uma coisa ausente. O autor destaca que é dessa representação que a memória nos proporciona, rever uma coisa ausente, porém vivenciá-la a ponto de transformá-la em algo diferente, podemos rever nossas práticas para aprimorá-las e transformá-las em algo mais impactante na educação.

Trazer relatos de práticas pedagógicas e vivências do processo da inclusão escolar de escolas estaduais no município de Iracema-Roraima, se constitui em um foco na inclusão e na diversidade cultural, sendo de elevada importância para a implementação de um sistema educativo mais acolhedor, humano e solidário.

1.Contexto das narrativas

Partindo desse contexto do início da vida escolar da criança, me vem a memória meu

percurso acadêmico, marcado pelo privilégio de iniciar minha docência em turmas da educação infantil.

Essa pedagogia Descolonial analógica centrada na exterioridade do outro, seria uma libertação para os pensamentos e atitudes de exclusão, pois saber escutar, se pôr no lugar do outro .

Iracema é um município próximo a Boa Vista-RR, com uma população aproximadamente de 10.023 habitantes, de acordo o senso do IBGE em 2022.

Analisando esses momentos que vivencie no início da minha docência, começo a me questionar: será que de 2003 para a presente data, a escola mudou, conseguiu identificar seus alunos e suas diversidades, conseguiu entender que além da criança com deficiência, a criança, preta, indígena, branca, marginalizada e em outras situações que impedem sua participação efetiva nas escolas, que elas também são alunos da educação inclusiva?

Esses apontamentos, entre outros, provocaram o início do meu processo de descolonização, pois mesmo sem perceber realizei intervenções que deveriam ser ensinadas na formação de um professor e de qualquer profissional da educação e demais áreas.

2 Meu processo decolonial

Partindo do continente latino-americano, onde percebemos que um dos maiores desafios que os países da região enfrentam está relacionado em como prosseguir rumo a uma escola inclusiva, que tenha como princípio a oferta de uma educação universalizada para todas as crianças e que concomitantemente assuma o respeito as diferenças individuais .

3 Práticas pedagógicas e Vivências de inclusão escolar

Discutiremos na continuação, as práticas pedagógicas das memórias da inclusão escolar centradas nas três categorias analíticas cunhadas pela triangulação dos dados, a saber: as “as lágrimas não têm cor”, “a cultura fedida”, que é a cultura homogeneizante, que se vê superior e rejeita ao diferente, exclui.

3.1 As lágrimas não têm cor

Narrar os acontecimentos a seguir é permitir que outras pessoas tenham acesso ao que acontece quando, de alguma forma não olhamos para o outro com empatia e respeito. Isso acontece quando desrespeitamos ao indígena, por sua raça, quando menosprezamos o negro por sua cor.

Um dos principais marcos dessa luta na educação, foi à elaboração da lei 10.639 de 2003 que alterou a Lei 9.394 de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação brasileira-LBD, garantindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas instituições de Ensino Médio e Fundamental de todas as escolas públicas e particulares do país. Porém, se reporta ao Ensino Fundamental e Médio, não incluindo a Educação Infantil,

base da formação humana.

Por tanto, a questão não ensinar as crianças que somos todos iguais, somos diferentes e cada um possui suas particularidades e sua identidade, no entanto essas diferenças não nos fazem menos importante que o outro, cada um tem seu valor, sua essência e seu lugar na sociedade.

Passando esses dias de acolhimento, tendo a turma já socializada, um aluno permaneceu retraído e sem interagir com os colegas e comigo. Foi quando passei a observá-lo e procurar entender o que estava acontecendo.

Como vê-se em Silva Neto (2020, p. 128), “ressalta que decisões práticas no âmbito político-pedagógico tem como ponto de partida a interpelação do Outro, do oprimido e excluído como exterioridade, negação da negação da opressão para afirmar a exterioridade”. O autor ao falar da pedagogia analógica, nos propõe a pensar o processo de descolonização, e nesse momento me vejo vivenciando esse processo, pois ao enxergar o outro em sua exterioridade, percebo o quanto somos falhos com relação ao dia a dia em sala de aula. Falhamos quando não percebemos o outro em nossos alunos.

As lágrimas não têm cor e nem forma, nem cheiro, nem lugar, porque ao pensarmos que a discriminação ocorre somente referente à cor da pessoa preta, estamos com uma ideia completamente errônea.

Vivenciei outra experiência na mesma turma do Fernando, onde ocorreu um caso similar; alguns dos colegas, assim como não queriam interagir com Fernando por conta da sua cor, também não interagiam com Ana, não por causa da cor, mas, por carência de higiene pessoal; para ambas as crianças, a rejeição gerou dor, lágrimas, embora haja diferença nos motivos, se é que se pode chamar de motivo, visto que não há motivos que expliquem a exclusão de uma pessoa.

Ana uma criança branca de olhos claros, filha de pais separados, morava com pai e sua madrasta e mais quatro irmãos. Ela sempre era a primeira criança a chegar na creche e às vezes a última a sair.

Com os passar dos dias Ana foi ficando cada vez mais agressiva, começou a se isolar da turma, ela ficava o período integral das 7h30 às 17h30 na creche.

Observei que as crianças mudaram seu comportamento, ao trabalhar com temas voltado para o respeito e empatia, até com relação a disciplina e respeito ao colega, porém são princípios que devem ser cobrados e ensinados todos os dias.

Recentemente, foi publicada no *Diário Oficial da União* na quinta-feira (12) a sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Lei 14.532, de 2023, que tipifica como crime de racismo a injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos para de dois a cinco anos de reclusão. Enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, a injúria é

direcionada ao indivíduo (SENADO, 12 jan. 2023). Tal lei:

Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público.

Sendo assim, essa nova lei deve ser divulgada e mencionada com ênfase para sociedade, pois se é preciso que a lei garanta o respeito ao outro então que façamos ela valer, que nossas crianças tenham conhecimento dos seus direitos e deveres perante o próximo.

3.2 “A cultura fedida”

É necessário intensificar as reflexões sobre as etnias dos nossos povos que formam nossa diversidade em meio ao cotidiano de uma sociedade contemporânea, é importância esse tema para garantia da convivência entre diversos grupos étnicos nela existente ao se falar em povos que possuem a mesma origem, cultura, compartilham a mesma língua, costumes e religião.

Segundo o IBGE (2021), Roraima é o estado com a maior população indígena do país, dos 652,7 mil habitantes, mais de 50 mil se declaram indígenas, percebe-se cada vez mais a frequência de crianças e jovens indígenas nas escolas municipais e estaduais não indígenas em diversos lugares no Brasil. Porém o que me chamou atenção durante essa pesquisa, foi a falta desses alunos indígenas matriculados na Educação Infantil, pois eles só começam a aparecer no censo do IBGE das escolas localizadas na zona Urbana do Município de Iracema, a partir do Ensino Fundamental.

Com análise desses dados, podemos perceber a grande desistência dos alunos que iniciam sua vida escolar em escolas não indígenas, cerca de 30,24% dos alunos não chegam a cursar o ensino médio, tendo uma grande desistência ainda no Ensino Fundamental. O que ocorre para que além de poucos alunos indígenas frequentarem a escolar, ainda existir um índice enorme de desistência escolar?

Diante desse cenário de desistência trago aqui o caso citado anteriormente durante minha prática pedagógica, onde relatei um caso ocorrido em sala de aula com um aluno indígena de uma turma formada por 28 alunos com o aluno Marcos.

Nesse caso os colegas de turma reclamam do cheiro de Marcos, pois um coleguinha fala durante a aula que ele fede a peixe e que não se higieniza antes de vir para escola.

Sim, Marcos cheirava a peixe, eu mesma já tinha observado porém cometi o erro de não olhar para o outro de ver sua exterioridade, e nesse momento em que vou trabalhar com meus alunos aprendo que temos nossa identidade enraizada na cultura, nos costumes e no modo vida que levamos, o cheiro do Marcos é o cheiro da sua cultura é sua proximidade com a natureza, é o que faz ele ser quem ele é, sua essência, e aos poucos fui me descolonizando e

ensinando meus alunos que nossa história de colonização começa com o indígenas, que ambos são tão digno de estar onde querem estar, assim como nós.

Outro ponto relevante além do currículo, é a reflexão do papel do professor como mediador nas relações inter-raciais.

Conforme se lê em Freire (2005, p.39),

[...] porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites.

Seguindo o pensamento do autor é isso, mudar exige dá importância a consciência, é essa inquietude que causa nossa consciência quando nos descolonizamos de um modelo europeu, centralizado na branquitude, em uma única raça, em uma única etnia.

A cultura fedida é essa cultura excludente, que segrega, que humilha, que cria estenótipos, que faz piadas constrangedoras e reduz se próprio semelhante a insignificância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entender e analisar nossa prática é se questionar se o que estou fazendo enquanto profissional está sendo bom, satisfatório ou posso melhorar em algo, ou seja, avaliar nossa prática e do contraste com outras práticas. Não basta só o conhecimento empírico, faz se necessário fundamentá-lo de forma consistente para que se tenha um conhecimento solido.

Os alunos que passam por situações de exclusão dentro da escola sem uma intervenção significativa, desistem cedo do seu percurso acadêmico, poucos se mantém estimulado a aprenderem, muitos agregam traumas que marcam para a vida toda.

Portanto a inclusão escolar na vida de um aluno é uma chance de ele ter sucesso na vida acadêmica e pessoal, pois quando ela não acontece está contribuindo para o fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Gareschi, P. A. (Trad.), 7a Edição, Petrópolis: Vozes, 2008.

BEUCHOT, M. **Los fundamentos de los derechos humanos en Bartolomé de las Casas**. Barcelona :Anthropos, 1994.

BIELEFELDT, Heiner. **Filosofia dos Direitos Humanos**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

BRASIL. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federa.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE**. Fonte: IBGE: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?>

=&t=resultados, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. (2006). **Educar na diversidade**. Brasília: Cynthia Duk MEC, SEESP, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília : Senado Federal, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Plano Nacional de Educação. (21 de outubro de 2022). Fonte: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Saberes e Práticas da inclusão. Brasília: MEC, 2005.

Capellini, V. L. (2018). **Adaptações Curriculares na Inclusão Escolar**. Curitiba: Appris.

DUSSEL, E. (Diretor). (2019). **Conferencia Dr. Enrique Dussel - Transmodernidad** [Filme Cinematográfico], 2019.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Edição 4. São Paulo, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia de oprimido**. Ed.42. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Ed.31. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. II. 2ª Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

HERVÉ. (2023). **Investigação narrativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2023.

JUNIOR, M. A., & MACHADO, T. L. (2023). **Educação e Abordagens étnico-raciais: Interdisciplinaridades em Diálogo**. Itapiranga/SC: Schreiben.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Edição 5. São Paulo, 2010.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SANTIAGO, Flávio; BARREIRO, Alex; MACEDO, Eline Elias de; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Pedagogias descolonizadoras e infâncias: por uma educação emancipatória desde o nascimento**. SP: Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2015.208 p.

SILVA-NETO, João Paulino da. **Saberes dos povos indígenas Maya e Yanomami: desafios epistêmicos no processo de descolonização**. Boa Vista. Editora da UFRR, 2020.

SILVÉRIO, V. R. et al. **Relações Étnico-Raciais**. In: MISKOLCI, R. (Org.). Marcas da diferença no ensino escolar. São Carlos: EDUFSCar, 2010.

SOUSA, Manuel A; RANGEL, TauãL.; (Org.). **20 anos da Lei nº 10.639/03 e 15 anos da Lei nº 11.645/08: avanços, conquistas e desafios**. Itapiranga: Schreiben, 2023.226p.

Ziliotto, G. S. (2015). **Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. Curitiba - Paraná: Intersaberes, 2015.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/12/sancionada-lei-que-tipifica-como-crime-de-racismo-a-injuria-racial>. Acessado em: 26 jun. 2023.

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7110>. Acessado em: 26 mar. 2023.

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/iracema.html>. Acessado em: 24 jun. 2023.